

FLORIANÓPOLIS, 15 DE AGOSTO DE 2000
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE JORNALISMO
DISCIPLINA: TÉCNICAS DE PROJETOS EM COMUNICAÇÃO
PROFESSORA: AGLAIR BERNARDO

PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
VÍDEO DOCUMENTAL "HISTÓRIAS DE UMA ILHA"

ACADÊMICAS: Alanéa Coutinho
Ângela Delpizzo

ORIENTADORA: Gilka Girardello

FLORIANÓPOLIS, 15 DE AGOSTO DE 2000
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE JORNALISMO
DISCIPLINA: TÉCNICAS DE PROJETOS EM COMUNICAÇÃO
PROFESSORA: AGLAIR BERNARDO
ALUNAS: ALANÉA PRISCILA COUTINHO
ÂNGELA DELPIZZO

PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

1. Ementa do projeto

- 1.a. Título do projeto: Histórias de uma Ilha
- 1.b. Natureza do projeto: Grande reportagem
- 1.c. Alunas responsáveis: Alanéa Priscila Coutinho e Ângela Delpizzo
- 1.d. Suporte do projeto: Vídeo
- 1.e. Sumário: Resgate de histórias pitorescas, "causos" e curiosidades passadas na Ilha de Santa Catarina, mais precisamente no centro da cidade, desde o surgimento deste. É voltado para o público adulto, nativo ou morador de Florianópolis.
- 1.f. Instituições envolvidas e equipe: Apoio do Laboratório de Vídeo do Curso de Jornalismo
- 1.g. Semestre programado para a realização: 2000/2
- 1.h. Custos e fontes de financiamento: Ainda sem perspectivas
- 1.i. Professora Orientadora: Gilka Girardello

Aceito participar do projeto "Histórias de uma Ilha", vídeo documental, como Orientadora durante o semestre de 2000/2.

Gilka Girardello

Gilka Girardello
Orientadora

Alanéa Priscila Coutinho

Alanéa Priscila Coutinho
Orientanda

Ângela Delpizzo

Ângela Delpizzo
Orientanda

2. Introdução

A cidade de Florianópolis possui grande riqueza cultural no que tange à colonização e costumes açorianos. Boi de mamão, bruxas, Festa do Divino e o "manezinho da Ilha" são temas constantes em projetos que visam resgatar as tradições de Florianópolis. Além disso, são alvo de freqüente exposição na mídia.

Mas um aspecto da cultura ilhoa pouco explorado é a memória do centro comercial da cidade, que também é fonte de inúmeras histórias pitorescas. As polêmicas que envolveram a construção dos dois mercados públicos, os hábitos dos comerciantes e a evolução da moda são fatos que merecem ser abordados, porque correm o risco de se perderem no tempo.

Desvendar a história de personagens que dão nome a ruas do centro da cidade, é mais uma de nossas propostas. O objetivo é pesquisar histórias como estas e trazê-las para o conhecimento público, através de um vídeo.

A idéia surgiu depois de uma pesquisa sobre a história do comércio em Santa Catarina, feita por Alanéa Coutinho. Ao ler obras de autores como Oswaldo Rodrigues Cabral, Walter F. Piazza e Laura Machado Hübener, Alanéa descobriu fatos e curiosidades que não haviam sido registrados até então, senão em livros. A proposta é ainda buscar histórias inéditas, contadas por fontes vivas (historiadores e testemunhas), tais como: o primeiro topless nas praias de Florianópolis e as primeiras mulheres que ousaram cruzar a Rua Conselheiro Mafra usando calças.

A seguir, um pouco da história do centro que queremos retratar no projeto "Histórias de uma Ilha".

"Na segunda metade de século XIX, a ocupação da Cidade de Desterro se concentrava em torno da praça da Igreja Matriz e em alguns eixos principais. Paralelas ao mar e ao porto, as ruas Augusta e do Príncipe, concentravam o comércio atacadista, varejista e as sedes das companhias de comércio. Além da igreja, na praça ficavam o Palácio do Governo, a Câmara Municipal, outros edifícios oficiais e alguns residenciais e comerciais.

As características das construções como a localização e o estilo, assim como os sentidos e localizações das ruas, da praça e da Igreja foram determinadas pela sede do governo no Rio de Janeiro.

Desde a época de 1820, Desterro passou a assistir ao enriquecimento de pessoas ligadas às atividades comerciais. Esses comerciantes constituíam a elite local que substituiu os militares. Eram comerciantes, armadores, proprietários de embarcações que faziam o comércio de cabotagem que exportava os produtos da Província e importavam os gêneros para consumo local.

A diferenciação social da camada de comerciantes em relação ao resto da população se refletiu no espaço urbano. A elite construiu sobrados, que eram símbolos de distinção. No térreo se situavam as casas comerciais e no(s) andar(es) de cima a habitação. Já, a maioria da população, composta por pequenos funcionários, soldados, pescadores, agricultores, escravos libertos, pequenos comerciantes e lavadeiras habitavam nas chamadas "moradinhas de casa". Eram casas térreas, pequenas e estreitas.

A construção do Mercado Público na praça do Palácio (atual Praça XV de Novembro), à beira-mar entre 1848 e 1851 foi um símbolo das preocupações urbanas dos governantes locais na metade do século XIX.

Os planos para a construção de uma Praça de Mercado em Desterro eram antigos. Gradualmente, ao longo da primeira metade do século XIX, o hábito de realização das trocas à beira da praia, com as mercadorias expostas nas canoas ou em esteiras ou depois ainda em barraquinhas, passou a incomodar muita gente em Desterro.

O Barão de Langsdorff esteve na ilha no verão de 1803-1804 e fez uma descrição da vila de Nossa Senhora de Desterro:

"Vivem aqui diversas pessoas abastadas mas poucas ou quase nenhuma delas é rica. Sente-se um bem estar geral sem que haja riqueza. As casas são de pedra e barro batido e seco, as ruas geralmente regulares. Encontram-se comerciantes ou mascates e artesãos de toda a espécie e muitos gêneros alimentícios são trazidos de todas as partes, diariamente, para o mercado..."

A planta do primeiro mercado público descrevia que ele ocuparia a marinha entre as esquinas das Ruas do Livramento (atual Trajano) e do Ouvidor (atual Deodoro), local onde mais tarde por volta de 1875 foi construída a Alfândega. Havia muita disputa política em torno da construção desse mercado. De um lado os barraquistas ou cristãos, comerciantes que tinham interesses na manutenção de venda de gêneros alimentícios na Praça do Palácio e pelo outro lado os vinagristas ou judeus, que queriam que o mercado se situasse perto da Ponte do Vinagre.

Em 1845, durante a visita do Imperador D. Pedro II, as barraquinhas foram retiradas da Praça do Palácio e foram então colocadas próximo à Ponte do Vinagre que passava sobre o Rio da Bulha, hoje canalizado na Av. Hercílio Luz e ao Forte Santa Bárbara, que hoje é a casa da Capitania dos Portos. Este local era talvez o mais imundo da cidade. Essa decisão foi tomada em consenso geral, porém os comerciantes só aceitaram mediante a promessa que, logo o imperador fosse embora, as barraquinhas teriam que voltar ao seu local inicial. Os barraquistas então, fizeram um abaixo-assinado com 62 assinaturas pedindo a volta das barracas para a Praça. Já os vinagristas, fizeram outro com 144 nomes, pedindo a continuação das barracas próximo à Ponte do Vinagre.

No contexto de disputa sobre qual lugar o mercado deveria ser construído, uma figura se destacou : João Pinto da Luz foi um dos mais influentes comerciantes, que tinha um estabelecimento na primeira casa da Rua Augusta (que hoje leva o nome do comerciante, João Pinto). O comerciante era vizinho à praça do Palácio e tinha interesses que o mercado se situasse ali próximo. A construção começou em 1848. Foi promovido um leilão para o aluguel e em 10 de janeiro de 1851, foi inaugurada a venda de carne, peixe e outros gêneros ao público.

Com a consolidação da República, Desterro passou a se chamar Florianópolis. A cidade e seus habitantes passaram a ser vistos pela elite como antigos e atrasados. O velho mercado da praça já era insuficiente para a cidade e

era chamado de "pardieiro". Ele foi demolido em 1899 para dar lugar a um cais com balaustrada e só mais tarde a um bar elegante chamado Miramar (inaugurado em 1928 e demolido em 1974 para a construção do aterro Baía Sul).

A construção do novo mercado (a primeira ala do mercado atual) foi uma das primeiras obras da República, marcada por discussões políticas através dos jornais republicanos e federalistas. O novo mercado deveria simbolizar os novos ideais de higiene, saneamento e também estéticos. O lançamento da pedra fundamental deu-se em 28 de dezembro de 1896, numa cerimônia que trouxe à cidade, representantes de grandes jornais do país. Depois de três anos de trabalho e problemas, sua inauguração deu-se em 5 de fevereiro de 1899 e foi um dos grandes acontecimentos da cidade naquele fim de século.

O novo mercado trouxe modernidades como a iluminação a gás acetileno, uma inovação que atraiu a população também nas noites de verão. O aluguel das casinhas era feito por concorrência pública. Os comerciantes não podiam vender em atacado, o mercado era exclusivo para vendas a varejo.

Posteriormente, na administração de Heitor Blum, devido a insuficiência da ala para atender ao fluxo diário de vendedores e consumidores, foi construída uma nova ala para o mercado. Esta ala ficava ao lado do mar e foi aberta ao público em 1931. Entre as duas alas ficou um pátio aberto que mais tarde começou a ser usado para o tráfego de veículos e somente na década de 80, depois de muitos atropelamentos, foi novamente fechado.

Atualmente, passam pelo Mercado Público de Florianópolis, cerca de 20.000 pessoas por dia. Com o surgimento das grandes redes de supermercados, e a conseqüente perda de parte de sua função original de abastecimento de gêneros alimentícios da cidade, o mercado passou por um grande processo de transformação. Os mais de 140 boxes sofreram um "processo de elitização", que consistiu na criação de locais dentro do mercado que alcançassem a classe mais alta da população. Um exemplo é o bar/restaurante Box 32. A imagem feia do mercado público acabou e hoje trata-se de um espaço democrático, onde ricos e pobres vão comprar o seu peixe do dia a dia."

Fontes : Trabalhos de Conclusão do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

3. Problema

Trata-se de um vídeo documental, com duração de 20 a 30 minutos, que contará com entrevistas exclusivas, resgate de imagens e fotografias e encenação de fatos que ocorreram na Ilha.

As possíveis fontes bibliográficas são os livros de Walter F. Piazza, Laura Machado Hübener, Oswaldo R. Cabral, entre outros, e Trabalhos de Conclusão de Curso de História da UFSC.

Para enriquecer o conteúdo do vídeo documental, será utilizado fontes testemunhais, que contarão "causos" acontecidos na cidade. São elas:
Maricha Daux – filha de João Daux, comerciante do início do século XX;
Seu Nicolich – historiador, autor de livros de memórias da cidade;

Iara Pedrosa – jornalista;

Elaine Veras Veiga – autora de livros e pesquisadora de Florianópolis, entre outros.

4. Objetivos

4.1 – Geral:

Desenvolver um roteiro de vídeo documental, e sua posterior filmagem, sobre as histórias curiosas ocorridas no centro da cidade, desconhecidas pelos florianopolitanos em geral. O período pesquisado vai de 1800 até os dias de hoje.

4.2 - Específicos:

- Entrevistar fontes testemunhais, a fim de que histórias conhecidas por estas pessoas fiquem gravadas como documento para futuras pesquisas históricas. Note-se que estas pessoas já estão em idade avançada e suas lembranças podem perderem-se.
- Encenar situações narradas em livros e pelas fontes testemunhais. Para isso será utilizado o trabalho de atores voluntários e o cenário será o próprio centro histórico de Florianópolis.
- Apresentar aos florianopolitanos e moradores desta cidade as pessoas que deram nome a ruas do centro e que são, em sua maioria, desconhecidos do público. Procurar resgatar o papel dessas personagens no contexto histórico da Ilha.

5. Justificativa

O projeto "Histórias de uma Ilha" vem preencher uma lacuna existente na documentação histórica da cidade de Florianópolis. Apesar da riqueza de informações sobre a cultura açoriana, do interior da ilha, pouco se pesquisou sobre a história e formação do centro da cidade, que podemos considerar como a "cultura florianopolitana". Uma abordagem dinâmica e criativa deste tema ajudarão a popularizar histórias que hoje estão longe do conhecimento popular. Este trabalho servirá, inclusive, como um documento histórico, que oferecerá entrevistas inéditas de pessoas que viram a cidade crescer.

6. Metodologia

Serão empregadas técnicas como entrevistas, informações em off, interpretação de histórias. Escolha de uma trilha sonora que caracterize Florianópolis. Uso de imagens em preto e branco, envelhecidas para simular situações do passado e coloridas para outras cenas atuais. A edição do vídeo documental será não-linear.

7. Recursos

7.a – Um cinegrafista, um editor e atores para as interpretações. O equipamento necessário é uma câmera (a ser escolhida) e fitas virgens, que serão oferecidas pelo Laboratório de Vídeo do Curso de Jornalismo, assim como o pessoal técnico. Os atores serão voluntários.

7.b - A princípio o projeto não terá nenhum custo para as alunas, pois o material e o pessoal será cedido pelo Laboratório de Vídeo do Curso de Jornalismo.

8. Cronograma

A previsão é finalizar o projeto em 4 (quatro) meses, sendo este o prazo o máximo de entrega. Após o levantamento de fontes, pesquisa, produção, gravações e edição, pretendemos levar o vídeo "Histórias de uma Ilha" à banca examinadora na metade do mês de dezembro de 2000.

Primeira fase – Pesquisa de campo (Levantamento de fontes e informações, e filmagem das entrevistas mais urgentes. Elaboração de roteiro e decupagem.): 21 de agosto a 29 de setembro.

Segunda fase – Gravação das imagens (demais entrevistas, encenação dos "causos" e outras cenas da cidade. Elaboração de roteiro e decupagem.): 2 de outubro a 31 de outubro.

Terceira fase – Edição: 1º de novembro a 15 de dezembro.

9. Bibliografia

PIAZZA, Walter F. e HÜBENER, Laura Machado, Santa Catarina História da Gente. Ed. Lunardelli, 1989.

HÜBENER, Laura Machado, História Sócio-Cultural de Florianópolis. Ed. Lunardelli.

HÜBENER, Laura Machado, O Comércio no porto de Desterro no século XIX – Florianópolis, Editora da UFSC, 1981.

CABRAL, Oswaldo R., Nossa Senhora do Desterro - Notícia – II – Histórica, Authentica, Sincera, Pictoresca e Sentimental da Villa, depois Cidade de Nossa Senhora do Destêrro da Ilha de Santa Catharina, dos Casos Raros Alcunhada.

CUNHA, Idaulo José, Evolução econômica-industrial de Santa Catarina. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

Trabalhos de Conclusão do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina:

BESSA, Beatriz Galloti Mamigonian. Desterro no século XIX : Urbanização e Arquitetura - O Mercado Público e as Preocupações Urbanas na Metade do Século.

SILVA, Nivaldo Jorge da . Pontos para a História do Mercado Público de Florianópolis.